

Língua em movimento

Patricia Saresky

Apresentação individual

Trilce / Buenos Aires – Institución del Psicoanálisis

“Um dia percebi que era difícil não entrar na lingüística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto”¹, diz Lacan na palestra dedicada a Jakobson.

O desenvolvimento da teoria linguística foi a sua guia, tomada para ler – ou reler – as leis do inconsciente descobertas por Freud através de uma lógica que de outra forma teria permanecido às escuras, retomando a conceituação freudiana das formações do inconsciente como um pensamento formado e articulado, lido sob a chave de uma lógica equivalente a uma sintaxe.

No entanto, a forma como as palavras e expressões são combinadas e ordenadas dentro de um discurso muda de uma língua para outra dependendo das suas leis, que cada habitante da sua língua conhece, não só – e não necessariamente – a partir de um conhecimento teórico. Este conhecimento é eminentemente prático e é transmitido dentro de uma comunidade.

Nas palavras de Derrida: “quando nascemos numa língua, herdamos-la porque estava lá antes de nós, a sua lei precede-nos. Começamos por reconhecer a sua lei, ou seja, um léxico, uma gramática, tudo o que é quase sem idade. Mas herdar aqui não é apenas receber passivamente (...) Herdar é reafirmar transformando, mudando, deslocando”².

1 Lacan Jacques SEMINARIO XX Editorial: PAIDOS Edição: 1998

2 Texto original em espanhol retirado de <https://redaprenderycambiar.com.ar/derrida/textos/celan.htm>

Entrevista com Évelyne Grossman. Esta entrevista foi publicada na edição que o mensário Europe dedicou a Paul Celan (ano 79, n 861-862/Janeiro-Febrero 2001). Tradução ao espanhol de Ricardo Ibarlucia, publicada no Diario de Poesía.

A linguística também nos ensina que – ao contrário das línguas clássicas que não são transmitidas na prática da fala de uma comunidade, nem sofrem qualquer mudança linguística mas são aprendidas num ambiente académico, reproduzindo uma forma padronizada pre-existente – a língua que herdamos dos nossos pais e transmitimos aos nossos filhos só pode ser uma língua viva, potencialmente sujeita a um processo de transformação ligado ao andar dos tempos.

Ou seja, pensamos, sonhamos e enredamo-nos na língua que nos foi herdada, e nesta herança, a história de cada povo está enraizada em cada falante, determinando a expressão da concepção do mundo, que fala através dela.

Igualmente, a forma de dizer as coisas está ligada ao tempo histórico, que está enlaçado às palavras de cada época. Podemos observá-lo diante de certos significantes, que não são palavras que vão, flutuam e passam, mas que começam a receber numa certa cultura e num certo contexto, um certo estatuto, sendo estes os significados que atravessam os ditos dos nossos analisantes, através dos quais chegam aos nossos consultórios os impasses do social.

Lembremos que se Freud defendia que “desde o próprio início a psicologia individual é simultaneamente psicologia social”³, Lacan, por seu lado, dirá que a cultura, como algo diferente da sociedade, não existe, designando o liame social com o termo discurso porque – cito – “não há outra forma de o designar desde o momento em que se percebe que o liame social só se instaura por ancorar-se na maneira pela qual a linguagem se situa e se imprime, se situa sobre aquilo que formiga, isto é, o ser falante”⁴.

No entanto, se formos sensíveis ao que formiga no nosso tempo, poderemos ver que estamos a enfrentar um tempo que nos impõe alguns desafios:

3 Texto original em espanhol retirado de Freud Sigmund, “Psicología de las masas y análisis del yo”

[Psicologia das massas e análise do eu], Tomo XVIII (1921) Amorrortu Editores.

4 Lacan Jacques SEMINARIO XX Editorial: PAIDOS Edição 1998

Vivemos num mundo muito diferente daquele que Lacan conhecia e ainda mais Freud. As categorias com que nos movemos, pensamos e falamos, bem como as exigências de hiperconexão com que somos confrontados, estão vinculadas a um tempo que decorre ao redor de um planeta configurado tecnologicamente e biopoliticamente.

A Internet, a realidade virtual, a biotecnologia genética, a inteligência artificial, entre tantas outras questões que são atualizadas de um momento para o outro, apressam uma mudança para outra forma de conceber distinções entre organismo e máquina, enquanto os vínculos com coisas, pessoas ou lugares são substituídas por um acesso temporário a redes e plataformas. Com a vertigem produzida por estas coordenadas, cabe perguntar o que lugar resta para o movimento orgânico da língua, ou seja, para manter-se viva? Que lugar há para a dimensão significativa no exercício da fala, num clima de época que se precipita para a linguagem universal, para a transparência, para a eliminação das diferenças de cada tempo, de cada povo e de cada falante? O impulso para o consumo e a velocidade, a alienação digital, não estão por acaso relacionados com novas formas de apresentação da estrutura subjectiva?

Além disso, nos últimos anos, a psicanálise tem sido acusada de ser sectária, tendo problemas em fazer valer a sua transmissão e tem sido questionada pelos movimentos feministas, bem como pela comunidade queer e trans.

Dentro destas coordenadas, e à altura do desafio histórico e da mudança de paradigma que estamos a viver, cabe-nos o compromisso de repensar as nossas próprias categorias.

Porque não só temos a responsabilidade de promover o estabelecimento da dimensão de pertença à linguagem em cada analisante, pondo em questão a alienação às exigências da época, mas também de repensar a forma como nós analistas entramos em conversa com a subjectividade do nosso tempo.

Deste modo, o estudo da linguagem do nosso tempo, não só no seu valor expressivo ou nas suas transformações formais, mas também nos modos de valorização e de apropriação da maneira como as coisas são ditas, dar-nos-á – na minha opinião – uma pista sobre qual será o impacto na nossa prática.

Porque “melhor pois que renuncie quem não possa unir a seu horizonte a subjetividade de sua época”⁵. Muito bem, mas como ler esta frase?

Não penso que se trate de uma atualização, ao estilo de um *update*, das nossas teorizações com base no que ouvimos nos ditos dos nossos analisantes. Nem de um *aggiornamento* conciliatório em face das questões sob as quais a psicanálise se encontra hoje em dia. Pois, por acaso, não serão estas as formas de cobrir com falsa plenitude o vazio em torno do qual se funda a nossa prática?

Considero que, se o nosso objectivo é ser sensível aos significantes da época, talvez seja apropriado ler esta frase à luz do regresso à nossa fundação, o de uma prática que se desenvolve em torno de um vazio fundamental que implica que não existe um universo de discurso.

É a partir do regresso a este vazio fundamental que eu acho que nos podemos situar para manter viva a nossa teoria, sendo capazes de ouvir nos nossos analisantes não só o que as palavras dizem, mas também o que é dito através das palavras, no seu espaço, na distância que as separa, escutando entre as linhas aquilo que, sem ser dito, está no entanto exposto. Talvez desta forma consigamos acompanhar as transformações das línguas do nosso tempo, conhecendo bem a espiral para a qual a nossa era nos está a arrastar no trabalho contínuo de Babel, e conheceremos assim o nosso papel como intérpretes na discórdia das línguas⁶.

Nas palavras de Enrique Tenenbaum: “Trata-se não só de ser capaz de ler os significantes mestres da época, mas também de ser sensível a eles, de estar atento à forma como regressam, no discurso eficaz dos analisantes, e de estar advertidos de seu possível impacto no corpo teórico da psicanálise. Melhor pois que renuncie quem não esteja

5 LacanJacques – Función y campo de la palabra y del lenguaje em psicoanálisis [Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise] – Escritos I – Siglo XXI Editores

6 LacanJacques – Función y campo de la palabra y del lenguaje em psicoanálisis [Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise] – Escritos I – Siglo XXI Editores

disposto a sacudir a poeira do conforto dos seus conhecimentos estabelecidos quando é
desafiado pelos significantes políticos da época”⁷.

7 Tenenbaum, Enrique: Reunião Lacanoamericana de Psicanálise Recife 2022. O inconsciente é a política?